

TEMAS
PARA
GRUPOS PAROQUIAIS
DE
MEDITAÇÃO E ORAÇÃO COM A BÍBLIA

ANO PASTORAL 2023-2024
Arquidiocese de Évora

ÍNDICE

Introdução	5
Tema 1: A “oblação de Melquisedec” (<i>Gn 14,18-20</i>); (<i>Heb. 7,1-10</i>)	7
Tema 2: A celebração da Ceia judaica (<i>Ex. 12,1-14</i>).....	13
Tema 3: O sangue da Aliança (<i>Ex. 24,3-8</i>).....	19
Tema 4: O alimento no deserto (<i>Ex. 16,1-21</i>).....	25
Tema 5: Recordações do caminho: aprender com o passado ... (<i>Dt. 8,5-20</i>).....	31
Tema 6: Jesus alimenta a multidão (<i>Mc. 6,34-44</i>).....	37
Tema 7: Acreditar em Jesus, Pão da vida (<i>Jo. 6,26-59</i>).....	43
Tema 8: A última ceia de Jesus (<i>Lc. 22,14-20</i>).....	49
Tema 9: Lava-pés e Eucaristia (<i>Jo. 13,1-5</i>).....	55
Tema 10: A Eucaristia, sacramento de unidade (<i>1Co. 11,23-34</i>).....	61
Tema 11: Reconheceram Jesus a partir o pão (<i>Lc. 24,13-35</i>).....	67
Tema 12: A Eucaristia, fonte da missão dos crentes (<i>Act. 13,1-3</i>).....	73
Tema 13: O Domingo, dia do Senhor e senhor dos dias (<i>Mc. 16,1-8</i>).....	79
Tema 14: O Domingo, dia de Cristo ressuscitado (<i>Jo. 20,19-29</i>).....	85
Tema 15: A Eucaristia, fonte de partilha e solidariedade (<i>Act. 4,32-37</i>).....	91
Tema 16: As núpcias do Cordeiro (<i>Ap. 19,5-10</i>).....	97

INTRODUÇÃO

A Arquidiocese de Évora tem publicado um conjunto de temas de reflexão que se baseiam nas propostas pastorais de cada ano, com o objetivo de facultar aos Grupos Paroquiais e aos Movimentos de Apostolado algumas ferramentas para os integrar noutras iniciativas incluídas no programa. Estes temas, fundamentados em textos bíblicos e desenvolvidos seguindo o método da Lectio Divina, têm permitido manter o foco no objetivo geral do programa pastoral.

O plano pastoral dos próximos dois anos terá em conta a necessidade de apresentar um novo rosto da Igreja, aproveitando o impacto positivo das Jornadas Mundiais da Juventude, o caminho sinodal 2023 e 2024, a celebração do 53º Congresso Eucarístico Internacional na cidade de Quito, no Equador, de 8 a 15 e Setembro de 2024, e o V Congresso Eucarístico Nacional, em Braga, de 31 de Maio a 2 de Junho de 2024.

A Eucaristia é a melhor expressão da vida de Igreja, o centro de toda a vida cristã, de onde tudo nasce e para onde tudo converge. Nos anos da pandemia, a participação dos fiéis na Eucaristia Dominical foi afetada e muitos ficaram impedidos de se juntar à assembleia para a celebração. Reconhecendo a importância da celebração litúrgica na vida da comunidade e a necessidade de uma maior consciencialização de todos os participantes para tornar visível o rosto renovado da Igreja, são propostos temas bíblicos que nos fazem redescobrir as origens e o sentido da celebração da Eucaristia. A fonte é sempre a Sagrada Escritura, com textos, maioritariamente do Novo Testamento, mas também do Antigo, porque as raízes da celebração da Eucaristia se encontram na tradição hebraica.

A reunião dos grupos para a reflexão destes temas deve levar, necessariamente, a uma participação mais ativa e consciente na celebração Eucarística, onde cada um assume o seu papel e se compromete a viver aquilo que celebra.

TEMA 11

RECONHECERAM JESUS AO PARTIR O PÃO

1. ORAÇÃO

Bom Jesus, com o teu exemplo ensinaste-nos a beleza de uma existência vivida como dom. O pão que partimos e partilhamos, queremos que seja sinal dessa vida entregue: entregue aos outros, entregue ao mundo, entregue a Ti, como expoente máximo de dádiva em amor. Ajuda-nos, ao refletirmos sobre este gesto tão denso e significativo, a melhorarmos, quotidianamente, as nossas atitudes em prol de um mundo mais humano, mais fraterno, mais unido, na certeza de que Tu és o Vivente em nós. Pai-nosso.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Depois de feito o registo nas próprias Bíblias, um leitor proclama calmamente a Palavra. A seguir, cada um lê para si próprio, em silêncio, a mesma leitura, a fim de a interiorizar. As Bíblias devem estar fechadas enquanto se faz a proclamação.

Proclamação da Palavra

Lucas 24,13-35

A perícopes que ouvimos tem o seu centro na afirmação fundamental “Ele está vivo”, no versículo 23. De facto, no Antigo Testamento, esse título é aplicado apenas em âmbito teológico, isto é, referindo-se diretamente a Deus. Por sua vez, o Novo Testamento, aplica-o cristologicamente a Jesus, como o Vivo ou o Vivente. O relato dos discípulos de Emaús constituiu, portanto, uma pérola no quadro da fé pascal neotestamentária.

Este relato pode ser estruturado em cinco partes principais: uma *introdução*, onde o evangelista fornece o contexto físico-emocional dos discípulos a caminho da povoação de Emaús (cidade-símbolo de libertação teológica e política), que distava sessenta estádios de Jerusalém, entristecidos com a morte de Jesus e conversando sobre os eventos recentes. Num *segundo* momento, dá-se a interação com Jesus, que se coloca a conversar com eles, sem que o reconheçam. Na conversa, Jesus pergunta-lhes o que discutem e eles explicam-lhes como as suas esperanças fracassaram a respeito de Jesus de Nazaré. Numa *terceira* parte, Jesus começa a explicar as Escrituras aos discípulos, desde Moisés até aos profetas, dando assim a entender a necessidade teológica de que tudo tinha acontecido de acordo com as promessas divinas. A *quarta* parte do relato é a central: o reconhecimento de Jesus. Os discípulos, chegados a Emaús, convidam o seu companheiro misterioso a ficar consigo. Durante a refeição, e em pleno contexto eucarístico, que percebemos através do vocabulário utilizado pelo narrador, os olhos dos discípulos abrem-se no momento da fração do pão e, aí, reconhecem-no na sua autêntica identidade pascal. A *última* parte é fundamentalmente testemunhal: os discípulos levantam-se, numa atitude de impulso interior e comunicativo da experiência vivida. Voltam a Jerusalém e partilham imediatamente a “Boa-Notícia” com os outros discípulos: como Ele se lhes manifestou nas Escrituras, segundo o desígnio salvífico de Deus e, seguidamente, como O reconheceram na fração do pão.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Este texto desenvolve-se numa dinâmica pedagógica e gradual, que podemos sintetizar na seguinte progressão narrativa: Presença (de Jesus), Palavra, Escrituras (AT), Pão (NT). Se Moisés e os Profetas formavam o essencial da Escritura para os judeus, podemos também afirmar que, na teologia do Novo Testamento, é a certeza de fé da Presença viva de Jesus que constitui o seu núcleo fundamental. Ora, essa Presença viva com certeza que já

não se manifesta de modo físico, mas de outro modo, que os discípulos tiveram de, a pouco e pouco, ir descobrindo. Portanto, para os primeiros crentes em Jesus e na sua Ressurreição, a fé pascal não foi um dado adquirido ou automático, mas, poderíamos dizer, um caminho de descoberta. O cristianismo nasce, pois, na sequência da experiência primordial que o potenciou: a fé, não num defunto sábio, profeta ou inspirador, mas no Vivente.

Os diversos relatos pascais do Novo Testamento indicam-nos, neste sentido, diferentes caminhos de encontro com Jesus Ressuscitado. Aquele que acabámos de escutar é, sem dúvida, um dos mais eloquentes na sua forma e teologia narrativamente implícita. Tudo se desenvolve a partir do encontro com Jesus. Vejamos. O problema daqueles dois discípulos tinha sido o das expectativas erradas relativamente a Jesus de Nazaré, projetando-o num sentido messiânico político e guerreiro, que libertasse Israel das mãos do Império Romano dominador e opressivo. Assim, para eles, a ideia de Ressurreição situava-se neste âmbito de “justiça terrena” e libertação política. Trata-se, de facto, de uma ilusão, que o aparente fracasso da cruz imediatamente transformou em desilusão. As mulheres, na sociedade da época, eram desvalorizadas, daí que o seu testemunho fosse pouco tido em conta. Contudo, mesmo alguns homens, indo até ao sepulcro, não encontraram nada, o que significa que já não é da mesma forma que O podem ver, mas doutra. A Ressurreição de Jesus revela uma nova ordem de presença, inclusivamente mais densa do que a anterior: trata-se da presença através do seu Espírito.

O Antigo Testamento orienta-se, em tensão, para o Messias, o Cristo, que devia sofrer “para entrar na sua glória”. Portanto, a cruz, o sofrimento do Messias entende-se, assim, numa perspectiva histórico-salvífica: como reveladora da outra face do Mistério. Se tudo se cumpriu de acordo com as esperanças veterotestamentárias, quer dizer que, para Deus, aquele Cristo sofrido e injuriado realiza perfeitamente tudo o que estava “previsto” na Escritura. Ele é, pois, a plenitude das Escrituras: superando-as, faz-nos descobrir novos aspetos do Mistério de Deus, na continuidade da revelação anterior. A Ressurreição é o paradigma dessa nova compreensão, não só de

Jesus, mas também do próprio Deus, que dá crédito a Jesus, a toda a sua obra e missão, ressuscitando-o da morada dos mortos, a qual, para um judeu, era sempre morada do eterno esquecimento.

A fração do pão insere-se numa linha fundamentalmente simbólica e espiritual. A atitude da partilha da mesa dos discípulos com aquele companheiro de caminho, já revela desejo de algo mais. Será depois, no gesto da fração do pão, que os seus olhos, bastante fechados, se abrem a uma nova forma de ver as coisas. Dão o salto do ver físico ao ver espiritual: o pão encerra essa densidade significativa da nova presença de Jesus na comunidade. É, pois aí, nessa modalidade e, acima de tudo, nesse gesto de partilha, que O devem procurar e, conseqüentemente, descobrir. Jesus Ressuscitado é alimento!

Os discípulos, após o acontecimento da cruz, dispersaram-se e fugiram, voltando, de alguma maneira, ao passado, às suas antigas ocupações, como se tudo acabasse ali. Porém, apenas juntos, em comunidade fraterna e reunida, é que foi possível a experiência avassaladora de fé na Ressurreição de Jesus. Ninguém é cristão sozinho, apenas comunitariamente se vive e experimenta a alegria da fé, enraizada no Mistério Pascal de Jesus. “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão”, é a frase que denota essa ligação entre fé e comunidade apostólica: Simão representa, precisamente, a comunidade dos irmãos que dá consistência à fé em Cristo Ressuscitado, sua origem e fundamento.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Se a Páscoa de Jesus é a base da nossa fé e da nossa esperança, ela há-de constituir-se como fonte iluminadora da vida. Tudo parte da fé pascal, inclusive todo o Novo Testamento é redigido à luz desta fé que revoluciona todas as nossas concepções mais imediatas do divino. Deus é, com Jesus, o Amigo da Vida, que nada mais quer a não ser a realização plena das suas criaturas. Este é o prolongamento existencial da fé na Ressurreição.

Os discípulos de Emaús, no caminho progressivo que fizeram da tristeza, confusão e desorientação à alegria do reconhecimento de Jesus “na fração do pão”, desafiam-nos a não ficarmos presos num pessimismo catastrofista e a olharmos para a experiência comunitária e eucarística como centrais para o fortalecimento da fé.

O Mistério Pascal de Cristo é a base fundante do Cristianismo. Não de um modo teórico ou abstrato, mas profundamente vital. O batismo inicia em cada crente a participação nesse Mistério, através do dinamismo santificador do Espírito, que atua em nós e nos torna recetores dos dons de Deus. Na celebração eucarística, reunião dominical da comunidade convocada pelo Espírito, renovamos conscientemente esse Mistério, alimentando a fé e potenciando em nós a força e o compromisso de uma vida de acordo com os critérios do Evangelho de Jesus, qual energia humanista e ética de transformação do mundo.

Portanto, ao refletirmos sobre esta passagem do Evangelho de Lucas, podemos verificar que o encontro com Jesus só é possível mediante duas realidades basilares: a escuta da Sua Palavra e a fração do pão, ou seja, os dois momentos fundamentais da Eucaristia, que sempre dela fizeram parte, como centrais no culto cristão. Todavia, não basta a celebração. É preciso entrar na dinâmica, que é eminentemente vivencial, mais que cultural...

Como podemos, então, cultivar em nós esta dinâmica? O narrador dá-nos as duas orientações-base de que falámos: a escuta da Palavra e a fração-partilha do Pão. Apesar de toda a desilusão que traziam no coração, aqueles dois discípulos continuavam a falar sobre Ele (v. 14), questionando-se profundamente sobre a lógica daqueles acontecimentos. O evangelista diz até que “debatiam” entre si. No fundo, Jesus não se tinha apagado do seu íntimo, Ele permanecia lá. E é precisamente nesse “debate” que Jesus entra em cena, no meio das suas dúvidas e questões. Ora, mesmo no meio das dificuldades próprias de se ser cristão nos dias de hoje, importa continuar a falar sobre Jesus, a perguntar sobre Jesus e sobre o significado da sua vida entregue, num amor fiel e comprometido. O “ardor” que surgiu no coração dos dois discípulos

(v. 32) surgirá assim, também, no mais profundo dos nossos contemporâneos que, talvez, ainda não tenham experimentado, em comunidade, Jesus Vivente que transforma a vida...

O gesto da fração do pão, por sua vez, é bastante significativo, para nós, cristãos. Por monotonia da repetição, podemos tornarmo-nos insensíveis ao seu sentido mais autêntico, que é profundamente existencial. Não se trata tanto de um rito a cumprir, mas a assimilar. Assimilar como modo de ser e de estar na vida: conosco próprios, com os outros e até com Deus. Na Eucaristia podemos sempre purificar falsas imagens de Deus e compreendê-lo, cada vez melhor, como dom gratuito e permanente...

É importante redescobrirmos a Eucaristia como um encontro com Jesus Vivo que transforma as relações humanas e, necessariamente, as relações com o próprio meio ambiente, pois é dele que os seus dois elementos fundamentais provêm (o pão e o vinho). A Eucaristia insere-nos, pois, numa lógica nova, assente nos seguintes conteúdos: a partilha da mesa, o reconhecimento do outro como amigo e irmão, o cuidado ecológico da Terra, a valorização a vida a partir do dom, da entrega e, por conseguinte, do amor. De facto, essa é a única chave de leitura do próprio Mistério Pascal, atualizado sacramentalmente em cada celebração eucarística.

5. ORAÇÃO

Senhor Jesus, companheiro transformador dos discípulos de Emaús, renova-nos também a nós, teus discípulos hoje. Que as desilusões da vida não limitem o novo olhar que a Tua Palavra e o Teu Mistério nos oferecem... A celebração da Eucaristia, não seja para nós simples rotina sem vitalidade, mas força diária de compromisso profético e de renovação no Teu seguimento. Pai-nosso.